



**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A IMPORTÂNCIA DA DANÇA E SEUS BENEFÍCIOS PARA PESSOAS
COM SÍNDROME DE DOWN**

**Lorena Moreira Reis
Glaciene Carla da Silva
Orlando Rios Rodrigues Filho**

Orientador: Prof. Me. Alexandre Malmann

Trindade - GO
2015

**FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A IMPORTÂNCIA DA DANÇA E SEUS BENEFÍCIOS PARA PESSOAS
COM SÍNDROME DE DOWN**

**Lorena Moreira Reis
Glaciene Carla da Silva
Orlando Rios Rodrigues Filho**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Alexandre Malmann

Trindade - GO
2015

Lorena Moreira Reis
Glauciene Carla da Silva
Orlando Rios Rodrigues Filho

A IMPORTÂNCIA DA DANÇA E SEUS BENEFÍCIOS PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física, aprovada pela seguinte
banca examinadora:

Prof. Orientador: Prof. Me. Alexandre Malmann.

Faculdade União de Goyazes

Prof. Esp. Dunia Mara
Faculdade União de Goyazes

Prof. Bruno
Faculdade União de Goyazes

Trindade - GO
____/____/2015

A IMPORTÂNCIA DA DANÇA E SEUS BENEFÍCIOS PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Lorena Moreira Reis¹
Glauciene Carla da Silva¹
Orlando Rios Rodrigues Filho¹
Alexandre Malmann²

RESUMO

Este trabalho consiste em discutir sobre a importância da dança e seus benefícios para pessoas com Síndrome de Down. A Síndrome de Down é constituída como sendo uma das causas mais frequentes de deficiência mental, abrangendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas. A dança é caracterizada como uma das práticas mais completa no processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento moral, físico e intelectual, além de contribuir no processo de reabilitação, terapêutico e artístico do indivíduo. Deste modo, através da prática da dança, o portador de Síndrome de Down, poderá ser provido de vários benefícios, como o melhoramento de seu desenvolvimento corporal, favorecendo assim a constituição da autoimagem, da autoestima e um auto conhecimento do corpo.

Palavras chaves: Dança. Atividade Física. Benefícios. Síndrome de Down.

DANCE OF THE IMPORTANCE AND BENEFITS FOR PEOPLE WITH DOWN SYNDROME

ABSTRACT

This work is to discuss the importance of dance and its benefits to people with Down syndrome. Down syndrome is constituted as one of the most common causes of mental retardation, covering about 18% of the mentally disabled in specialized institutions. The dance is characterized as one of the most complete practices in the process of development and moral, physical and intellectual, as well as contribute to the rehabilitation process, therapeutic and artistic individual. Thus, through the dance practice, the bearer of Down syndrome, can be fitted with several benefits, such as improving your body development, thus promoting the formation of self-image, self-esteem and self knowledge of the body.

Key-words: dance. Physical activity. Benefits. Down's syndrome.

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

² Orientador, Professor do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes, e outras instituições.

INTRODUÇÃO

Caracteriza-se a Síndrome de Down como sendo a condição genética, adotada há mais de um século por John Langdon Down. Este tipo de síndrome é constituída como sendo uma das causas mais frequentes de deficiência mental, abrangendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas. Pode-se considerar a mesma como sendo uma das mais incidentes anomalias numéricas dos cromossomos autossômicos e representa a mais antiga causa genética de retardo mental (NAKADONARI & SOARES, 2006; MOREIRA, et al., 2000).

A pessoa com síndrome de down é acometida por uma série de alterações orgânicas, como as endocrinológicas, oftalmológicas, gastrointestinais, auditivas, imunológicos, além de epilepsia e a doença do Alzheimer (SILVA; DESSEN, 2002).

Crianças com síndrome de down acabam sofrendo alterações em suas habilidades motoras, apresentando atraso na aquisição de marcos motores básicos, indicando que estes marcos surgem em tempo caracterizado, superior ao de crianças com desenvolvimento motor normal (CAMARGOS JR, 2005).

A manifestação clínica do aspecto cognitivo do portador de síndrome de down é apresentada através do atraso ou retardo mental. Deste modo, do ponto de vista cognitivo pode ser observado um maior comprometimento na área da linguagem e o predomínio dos déficits motores referente à primeira infância e dos déficits cognitivos à idade escolar (MANCINI, et al., 2003).

Uma das principais causas no desenvolvimento neuropsicomotor do portador de síndrome de down é pelo início tardio da estimulação essencial. É importante deste modo, a interação dos pais no decorrer da terapia desenvolvida com crianças que possuem este tipo de síndrome, participando de manuseios com a criança, possibilitando assim uma maior confiança da criança no momento terapêutico, além de provavelmente colaborar para a estimulação, em ambiente domiciliar, nos cuidados e brincadeiras cotidianas (PINTO, 2013). Assim, através dos exercícios, como a dança, por exemplo, poderá fortalecer os músculos, trabalhar o desenvolvimento corporal, coordenação motora, aspecto cognitivo e psicológico.

Segundo Castro (2005), atividades rítmicas e as danças são ótimas estratégias para melhorar a resistência muscular, pois os portadores de síndrome de Down apresentam bom desempenho nessas atividades.

Por esta razão, o objetivo do presente estudo é o de analisar os benefícios da prática da Dança para o bem estar das pessoas com Síndrome de Down, para tanto, discorrermos sobre a dança e seu significado; descrevermos sobre a Síndrome de Down; identificar os benefícios da dança para as pessoas que tem a síndrome de down.

O presente estudo se justifica pelo fato que a dança pode vir a contribuir para o desenvolvimento da percepção corporal dos portadores de Síndrome de Down, o que permite um desenvolvimento adequado em relação com o meio, aprofundando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal desses indivíduos.

METODOLOGIA

O presente estudo se constitui de um estudo qualitativo realizado por meio de uma revisão da literatura.

A metodologia de pesquisa, para Minayo (2003, p. 16-18), é o caminho do pensamento a ser seguido, ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é assim, a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. A pesquisa qualitativa, no entanto, trata-se de uma atividade da ciência, que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construto profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Segundo Cruz e Ribeiro (2008), o estudo bibliográfico se baseia em literaturas estruturadas, obtidas de livros e artigos científicos provenientes de bibliotecas convencionais e virtuais. O estudo descritivo-exploratório visa à aproximação e familiaridade com o fenômeno-objeto da pesquisa, descrição de suas características, criação de hipóteses e apontamentos, e estabelecimento de relações entre as variáveis estudadas no fenômeno.

Os dados foram coletados por meio de buscas em bases de dados virtuais, como sites de Educação Física, na Biblioteca Virtual de Saúde – Bireme, Sistema Latino-Americano e do Caribe de informação em Ciências da Saúde, LILACS, Scielo,

banco de teses USP. Para a busca utilizamos os seguintes descritores: Dança, Síndrome de Down, benefícios, exercícios físicos.

SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é caracterizada como um condição genética. Este tipo de síndrome existe há mais de um século, e foi descoberta por John Langdon Down. Considera-se a mesma como sendo uma das causas mais frequentes de deficiência mental, abrangendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições particularizadas (MOREIRA et al., 2000).

Considera-se a Síndrome de Down como sendo a síndrome que mais incide, em se tratando de anomalias numéricas dos cromossomos autossômicos, representando assim a causa genética mais antiga de retardo mental (MOREIRA et al., 2000).

Pouco se conhece sobre as causas que podem levar ao nascimento de crianças com Síndrome de Down, mas alguns fatores endógenos e exógenos colaboram para uma maior ou menor incidência da desordem. Dentre os fatores endógenos, a causa mais comum encontra-se associada com a idade da mãe, pois as mulheres já nascem com uma quantidade de óvulos que envelhecem à medida que elas também envelhecem (SILVA; DESSEN, 2002).

Assim sendo, quanto maior a idade materna maior a possibilidade de incidência da síndrome de down e dentre os fatores exógenos permanece a ausência de diagnóstico pré-natal e a exposição à radiação como fatores que cooperam para uma incidência da síndrome de down. É sucinto lembrar que estes dados não descartam a possibilidade de incidência da desordem em crianças com mães mais jovens (SILVA; DESSEN, 2002).

A Síndrome de Down apresenta suas características fenotípicas que são branquicefalia, fissuras palpebrais com inclinação superior, pregas epicânticas (pequenas dobras de pele nos cantos interno dos olhos), base nasal achatada e hipoplasia mediana da face. Além das características da face, observa-se também pescoço curto; podendo estar presente somente prega palmar; a língua é protusa e hipotônica; há clinodactilia do quinto dedo das mãos (o quinto dedo da Mão pode curvar-se levemente para dentro, apresentando apenas uma linha de flexão),

distância aumentada entre o primeiro e segundo dedos dos pés. Em geral, as crianças com Síndrome de Down são muito sonolentas e apresentam hipotonia muscular. Observa-se, também, um atraso no desenvolvimento de alguns reflexos do bebê (SILVA; DESSEN, 2002).

A Síndrome de Down corresponde a uma desordem genética na qual o diagnóstico clínico é efetivado nas primeiras horas de vida da criança, através de suas características físicas (fenotípicas) e, em seguida, admitido por análises citogenéticas do cariótipo de células em metáfase. Este tipo de síndrome pode acarretar vários tipos de problemas de saúde, como doenças infecciosas do aparelho respiratório, doenças cardíacas, distúrbios da tireoide, leucemia (LUIZ, et al., 2012).

Um cromossomo extra, no par 21, gera uma trissomia simples. Podendo ser distinguida tanto por uma translocação ou um mosaico. Na translocação, o cromossomo 21 adicional está fundido a outro autossomo, a mais comum é aquela existente entre os cromossomos 14 e 21. Já a síndrome de down diferenciada por um mosaico concebe um grupo menor, no qual as células trissômicas aparecem ao lado de células normais (SILVA; DESSEN, 2002).

A síndrome de Down é o resultado de um acidente genético causado pela trissomia do cromossomo 21, que ocorre em uma determinada fase do desenvolvimento intra-uterino do bebê. Desta forma, a criança que apresenta esta anomalia possui 47 cromossomos, ao invés dos 46 encontrados em indivíduos considerados normais (RAMOS, et al., 2006).

Esta manifestação ocorre em todas as regiões do mundo, havendo em média, um em 700 nascidos vivos. Portanto, com esses dados, estima-se que no Brasil poderá ter uma população aproximada de 300 mil pessoas com essa deficiência (RAMOS, et al., 2006).

Conforme o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 14,5% da população brasileira, ou seja, 24,6 milhões de pessoas têm alguma deficiência física ou mental e que os estudos realizados pela Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, trabalham com a estimativa de que a Síndrome de Down afeta cerca de um em cada 600 bebês nascidos vivos (BOFF; CAREGNATO, 2008).

Sendo assim, essa síndrome é uma realidade na sociedade brasileira e nas escolas, sendo necessária a inclusão desses indivíduos nas atividades culturais,

esportivas, no mercado de trabalho, na mídia e no convívio social (RAMOS, et al., 2006).

No entanto, crianças enfrentam dificuldades, por problemas específicos dessa anomalia genética, e aqueles criados por uma sociedade mal informada e preconceituosa como a nossa demora em aceitar “o diferente” (MARTINS; POLAK, 2002).

Verifica-se que atualmente, existe dificuldades por parte da sociedade para aceitar o diferente, não abrindo espaço aos portadores de necessidades especiais, como também aos portadores de Síndrome de Down, fato surpreendente que no século XXI, ainda ocorra discriminação (MARTINS; POLAK, 2002).

ASPECTOS FISIOLÓGICOS

A criança com a Síndrome de Down gerará alterações orgânicas, como as “endocrinológicas, oftalmológicas, gastrointestinais, auditivas, imunológicas etc., além da epilepsia e da doença de Alzheimer”. (SILVA; DESSEN, 2003, p. 512).

A criança ainda poderá depara-se com um quadro de: braquicefalia, fissuras palpebrais oblíquas, pregas no epicanto, manchas de Brushfield (pequenos pontos brancos presentes na periferia da íris do olho humano devido a uma agregação de um elemento normal da íris), ponta do nariz achatada, protrusão da língua, orelhas pequenas e de implantação baixa, clinodactilia, prega simiesca, defeitos cardíacos congênitos, hipotonia, retardo mental e do crescimento, pele seca e escamosa (SILVA; DESSEN, 2003).

A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN E A INSERÇÃO SOCIAL

A pessoa com deficiência, em especial o portador da Síndrome de Down, discussão deste estudo, além de ser estigmatizada pelas próprias características de sua deficiência, acaba sendo isolada no meio social em que vive por não ser considerada como um adulto produtivo em potencial, tendo na maioria das vezes o preconceito iniciado no berço familiar (SILVA, 2008).

Percebe-se que pela falta de conhecimento e busca de ajuda, os familiares destes deficientes, acabam “preservando-os” em suas casas, não se permitindo

assim, que o mesmo se socialize, acarretando a sua baixa autoestima (SILVA, 2008).

As pessoas com deficiência quando não recebem estímulos que promovem a ampliação dos seus saberes carrega em seu corpo uma carga negativa depreciativa (SILVA, 2008).

Nesse tocante, o portador da Síndrome de Down tem necessidades especiais que merecem um pouco mais de atenção. Quando se fala sobre necessidades especiais, podem ser observadas certas discriminações no mundo atual, onde a sociedade não apresenta uma abertura para conhecer a realidade desde grupo distinto (FONSECA, et al., 2011).

Atualmente, existem crianças com Síndrome Down que não interagem com outras crianças, sendo na maioria das vezes porque os pais têm medo do preconceito e até escondem seus filhos em casa, fazendo com que assim eles não aprendam a viver com outras pessoas e deixam também de evoluir fisicamente e mentalmente (CASTRO, 2005).

É de grande importância que os portadores da síndrome de Down desenvolvam qualquer tipo de atividades físicas, para que se possa ter um controle de seu bem estar, físico e mental. Também para prevenir doenças como diabetes, colesterol, triglicérideo alto, problemas cardíacos e hipertensão. Daí surge a importância da prática da música para estes portadores, pois a mesma traz inúmeros benefícios para sua saúde e desenvolvimento mental, físico e corporal (FONSECA, et al., 2011).

Assim, diante ao exposto até aqui, segue falando sobre o tema do trabalho que é a dança e seus benefícios aos portadores de Síndrome de Down.

ORIGEM DA DANÇA E SEUS BENEFÍCIOS

O surgimento da dança como desenvolvimento corporal, ocorreu na Argentina, sendo assim resguardada a naturalidade e vitalidade do movimento humano. Deste modo, ocorre o desenvolvimento da interação entre o movimento, corpo e mente (FONSECA, et al., 2011).

Esta modalidade de atividade sempre esteve presente na vida do homem. Desde a antiguidade, já foram encontradas gravuras de figuras propagando danças nas cavernas de Lascaux, onde eram retratados aspectos importantes de seu dia-a-

dia e de sua cultura, como os pertinentes à caça, a morte e a rituais religiosos. Há relatos,

[...] de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (TAVARES, 2005, p.93).

Assim, a dança é compreendida como uma manifestação que nasce com o ser humano. Estudos afirmam que antes mesmo de ser polida a primeira pedra e construir moradias, os homens já se movimentavam ritmicamente para se comunicar e se aquecer (REBELO, 2014), pois,

as primeiras danças humanas eram individuais e referiam-se à conquista amorosa, segundo certos movimentos da antropologia. Já as danças coletivas também aparecem na origem da civilização e sua função estava ligada à adoração das forças superiores ou dos espíritos para alcançar vitórias em expedições guerreiras ou de caça ou ainda para solicitar bom tempo e chuva (REBELO, 2014, p. 37).

Deste modo, a dança é considerada a mais antiga das artes e também a única que não precisa de ferramentas e materiais quando executada, pois só precisa do corpo e da força energia humana para cumprir sua função (REBELO, 2014).

Na história da dança não foi encontrado sobre a inclusão de indivíduos com deficiência nesse exercício. Nos PCNs não há registros sobre a prática de trabalho de dança com os portadores de deficiência, porém, na educação física, aos poucos foram introduzindo as danças e as brincadeiras cantadas englobadas nas atividades rítmicas e expressivas como complemento da arte, mas estas referências giram em torno apenas do trabalho com esportes (VARGAS, 2008).

A dança também pode ser um meio terapêutico, mas não se pode usar a definição da mesma como terapia, pois este é cabido aos profissionais da área (médico terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, entre outros), e uma forma de exercer uma atividade física para os portadores com deficiência e de terem acesso à arte, construindo a cidadania desses indivíduos (VARGAS, 2008).

Considera-se a dança como sendo um esporte, ou seja, uma arte, que sempre se fez presente na história da humanidade. A dança é o meio de estar expressando sentimentos por meio de movimentos, ou também, pode ser determinado como o ato de movimentar o corpo de acordo com o ritmo da música (GONÇALVES, 2011).

É caracterizada como uma das práticas mais completa no processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento moral, físico e intelectual, além de contribuir no processo de reabilitação, terapêutico e artístico do indivíduo (RAMOS & NORONHA, 2006).

Essa modalidade é considerada como sendo um instrumento de mediação de comunicação e expressão entre pessoas com necessidades especiais (GONÇALVES, 2011). É uma atividade corporal que pode ser avaliada como um recurso artístico-terapêutico auxiliando no bem-estar físico e mental, proporcionando a inclusão social de pessoas com deficiência física (BRAGA et al., 2002).

Os benefícios da dança para pessoas com Síndrome de Down facilitam a inserção deles no âmbito artístico e social acarretando melhoria no sistema psicológico e motor, da percepção sensorial, coordenação motora, correção postural, dentre outros benefícios que podem integrá-los ao meio social melhorando suas relações interpessoais (GONÇALVES, 2011).

Os indivíduos que têm um rendimento mental considerado baixo e comportamento retraído começam a ter um bom resultado em suas relações sociais ao ser a inserção ao ensino da dança, sendo está um meio de desenvolvimento das habilidades dos indivíduos de expressão e criação. Além de aperfeiçoar os sentidos da percepção, como resposta dada a um estímulo que, conseqüentemente podem manifestar-se pelos gestos, movimentos com sentido, sendo atitudes possíveis de marcar atos corporais de perceber a realidade no sentido espacial, temporal, realidade da existência do outro e de si mesmo, a dança auxilia as pessoas portadoras de deficiência a conquistarem maiores mobilidade passando a melhorar o equilíbrio, criando assim uma relação com o mundo, não permitindo que o corpo fique inerte (RAMOS; NORANHA, 2010).

Piaget afirma a importância da percepção em que a ação é um fator formativo, sendo esta uma pré-condição para o desenvolvimento dos processos cognitivos. A dança possui um fator perceptivo que estimula o indivíduo a discernir o perto, longe, alto, médio, baixo, grande, pequeno, lateralidade, espacialidade, agudo, grave, entre outros (RAMOS; NORANHA, 2010; (GONÇALVES, 2011).

Dessa maneira, a dança estimula,

[...] sua liberdade de expressão e relação contínua de reciprocidade até mesmo com pessoas de mesmas características, além de enfatizar o relacionamento pessoal, aflora sensibilidade artística, originando esse imenso

conjunto numa sequência de movimentos, ensaiados ou espontâneos, acompanhados de concentração do eixo corporal, respiração e exploração individual. [...] a dança é uma modalidade que fornece ao portador de Síndrome de Down, o restabelecimento físico-emocional, construindo simultaneamente melhora do suporte psicológico e social, pelo sentimento de bem-estar, redução da ansiedade depressão, do comportamento agressivo [...] e melhorada autoestima (RAMOS; NORANHA, 2010, p. 6).

Assim, diante ao exposto até agora, os portadores de Síndrome de Down, através da dança, podem ser beneficiados através dos aspectos lúdicos que o movimento, a música ou sons proporcionam, oferecendo chance para facilitar assim seu movimento corporal, da reabilitação ou reeducação do gesto (CASTRO, 2005).

PSICOMOTRICIDADE E SÍNDROME DE DOWN

Além de crianças em fase de desenvolvimento, a Psicomotricidade pode auxiliar crianças com Síndrome de Down no desenvolvimento global, pois a mesma tem como objetivo de explorar melhor o meio em que vive, trabalhando assim os seus estímulos. Deste modo, Carvalho e Hennig (2007, p. 118), afirmam que:

A psicomotricidade objetiva ao indivíduo explorar melhor o seu meio e captar mais adequada e rapidamente os seus estímulos. No sujeito Down, essa prática também busca impedir a aquisição de hábitos de auto-estimulação, deformações ou descompensações que podem trazer transtornos secundários nas áreas relacional e social, bem como uma melhora motora e postural, tendo em vista o grau de hipotonia muscular variável, porém sempre presente na síndrome.

Ainda, as autoras trazem onze objetivos do trabalho psicomotor: respeitar as diferenças individuais; a tomada de consciência corporal como lugar de sensação, expressão e criação; preocupar-se com a participação ativa do indivíduo; buscar a integração entre a percepção e o movimento, melhorando ou normalizando o comportamento geral do indivíduo; buscar o desenvolvimento do equilíbrio; buscar o controle e a perícia na coordenação global e segmentar; buscar desenvolver o controle do freio inibitório; buscar a organização da expressão corporal e da orientação espaço temporal; associar a linguagem à terapêutica; facilitar as aprendizagens escolares; fundamentalmente a formação da imagem corporal que vai permitir que o sujeito se desenvolva (CARVALHO; HENNIG, 2007).

O trabalho psicomotor realizado com pessoas com síndrome de down tem caráter estimulador e, respeitando seu ritmo e suas individualidades, proporciona a esses indivíduos possibilidades de desenvolvimento mais próximas da "normalidade" (CARVALHO; HENNIG, 2007).

Pode-se dizer que as atividades psicomotoras podem contribuir com o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo de indivíduos com Síndrome de Down. Infelizmente, na maioria das vezes, pessoas com necessidades especiais são vistas apenas como portadoras de limitações em relação ao corpo e a movimentos. É fato que essas pessoas podem apresentar dificuldades na realização de alguns movimentos, porém não podem ser consideradas incapazes (CARVALHO; HENNIG, 2007).

O DOWN E A DANÇA

O ser humano é um ser corporal que necessita de vários órgãos, que garantem sua capacidade de realizarem certas tarefas que estimulem sua sobrevivência, dentre elas, respirarem, alimentar-se, transpirar (suar), pensar, movimentar, etc. (PALAFOX, 2007).

Não podemos ver mais a deficiência como problema ou anomalia, mas sim como uma singularidade do indivíduo. Isso significa que, para a dança, a deficiência se apresenta como uma qualidade de movimento e corpo, encontrada em qualquer dançarino. Podemos dizer que todos têm habilidades e limitações, mas precisamos fazer escolhas e adaptações constantemente, não sendo isso uma particularidade da pessoa com deficiência (SOUZA, 2010).

Deste modo, o portador de Síndrome de Down, também é um ser humano que possui a capacidade de realizar vários tipos de tarefas, uma delas é a prática da dança, sendo o mesmo beneficiado por tal estilo de atividade física. O valor da interação dessas pessoas em diferentes atividades proporciona oportunidade de experimentar sensações e movimentos onde se estimulam a possibilidade de superar barreiras impostas que, frequentemente os afligem, sendo elas físicas, ambientais e sociais (PALAFOX, 2007).

Por meio da dança o portador de Síndrome de Down, estará desenvolvendo sua percepção corporal, permitindo assim um desenvolvimento correspondente em

relação com o meio, penetrando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal destes portadores (CASTRO 2005).

Através da prática da dança, o portador de Síndrome de Down, poderá ser provido de vários benefícios, como o melhoramento de seu desenvolvimento corporal, favorecendo assim a constituição da autoimagem, da autoestima e um auto conhecimento do corpo (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

A dança também pode contribuir para que ocorra um desenvolvimento apropriado em relação ao meio que o indivíduo com Síndrome de Down vive. Assim o mesmo poderá desenvolver seu esquema imagem corporal (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

O indivíduo com Síndrome de Down, através da prática da dança, estará utilizando o seu corpo de maneira prazerosa, tendo assim boas sensações, também poderá adquirir melhores conhecimentos sobre seus sentimentos, podendo se expressar melhor, estimulando assim o seu desenvolvimento motor através de diferentes movimentos, passando assim auxiliar e enriquecer o desenvolvimento do esquema corporal (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

A dança possui grande influência no aspecto físico e intelectual nos portadores de Síndrome de Down, ocorrendo assim uma melhora de sua coordenação, conscientização corporal, lateralidade. O mesmo também poderá desenvolver melhor sua expressividade, criando uma linguagem individual de comunicação e movimento (FLORES; BANKOF, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi o de analisar os benefícios da prática da Dança para o bem estar das pessoas com Síndrome de Down. Deste modo, pudemos comprovar que a dança apresenta um papel expressivo na vida de uma pessoa com Síndrome de Down, e que há benefícios na questão da saúde, nos aspectos social e emocional, nos aspectos motores e nos aspectos lúdicos.

Os portadores de Síndrome de Down são pessoas normais como outras quaisquer, porém com algumas diferenças físicas, no entanto, para o preconceito, isso os tornam diferentes para sociedade.

Sabendo que o portador de Síndrome de Down tem suas dificuldades em desenvolvimento tendo alguns problemas associados a psicomotor e também

problemas cardiovasculares, foi destacado neste estudo a importância da dança, sendo uma prática de atividade física, para seu bem estar físico e mental e com isso evitando várias doenças e aumentando a melhoria da qualidade de Vida. Mais para que isso aconteça, é preciso acabar com os preconceitos em volta e tornar essas pessoas importantes para sociedade.

No decorrer deste trabalho, verificamos que a dança, tem muito a oferecer as pessoas portadoras de Síndrome de Down, promovendo a integração social do portador, provocando seu interesse pelas atividades físicas.

Destacamos a dança como uma atividade de prazer para o portador, e que vai ajudar muito para o seu desenvolvimento, com sua capacidade de melhorar a coordenação, a conscientização corporal, e desenvolver a expressividade, criando uma linguagem individual de movimentar-se e comunicar-se.

Faz nos refletir, que os síndrômicos são pessoas que podem fazer coisas incríveis como trabalhar e muitos até fazem faculdade, as brincadeiras e atividades física seria um conjunto para uma vida saudável sem algum tipo de preconceito ou um problema que impeça isso.

REFERÊNCIAS

BOFF, Josete; CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. História oral de mulheres com filhos portadores de Síndrome de *Down*. **Texto contexto - enferm.** 2008, vol.17, n.3, pp. 578-586. ISSN 1980-265X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a20v17n3.pdf>>. Acesso em: 15. set. 2015.

BRAGA, D. M. et al. **Benefício da Dança Esporte para Pessoas com Deficiência Física.** [S.l.] 2002. Disponível em:<<http://www.revistaneurociencias.com.br>>. Acesso em: 25. set. 2015.

CAMARGOS Jr., Walter (coord.) **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio.** Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/Transtornos%20Invasivos%20do%20Desenvolvimento%20-%203%C2%BA%20Mil%C3%AAnio.pdf>>. Acesso em: 15. set. 2015.

CARVALHO, M.A.R.S.; HENNIG, M.A.S. **Psicomotricidade versus Síndrome de Down versus Escola Inclusiva: Uma Boa Parceria?** In: FERREIRA, C.A.M.; RAMOS, M.I.B. (Orgs.). *Psicomotricidade: educação especial e inclusão social.* Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

CASTRO, E. M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/viewFile/1621/1190>> Acesso em: 05. mai. 2015.

CASTRO, ASA; PIMENTEL, SC. Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. In: DÍAZ, F., et al., orgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 303-312. ISBN: 978-85-232-0928-5. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>>. Acesso em: 15. set. 2015.

FLORES, Mariana Imbrunito; BANKOFF, Antonia Dalla Pria. Influência da Dança Expressiva sobre o equilíbrio corporal estático e dinâmico em portadores com Síndrome de Down. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 35-46, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/572/377>>. Acesso em: 21. set. 2015.

FONSECA, Angélica da Silva, et al. Benefícios da dança em portadores com Síndrome de down. **Revista de Psicologia**. vol. 14, nº 20, 2011, p. 37-47. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br>>. Acesso em: 25. set. 2015.

FURLAN, Suellen Furlan Suellen; MOREIRA, Vanessa Aparecida Vieira; RODRIGUES, Graciele Massoli. Esquema corporal em indivíduos com Síndrome de Down: uma análise através da dança. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2008, 7 (3): 235-243. Disponível em: <<http://www.editorasrevista.com.br>>. Acesso em: 15. set. 2015.

GONÇALVES, Jocelaine de Siqueira. O estado da arte da dança para portadores de necessidades especiais no Brasil. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 162, Noviembre de 2011. <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 25. set. 2015.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa, et al. Inclusão de crianças com Síndrome de Down. *Psicol. estud.* 2012, vol.17, n.4, pp. 649-658. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br>>. Acesso em: 25. set. 2015.

MANCINI, Marisa Cotta, et al. Comparação do desempenho funcional de crianças portadoras de síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 5 anos de idade. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** 2003, vol.61, n.2B, pp. 409-415. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v61n2B/16256.pdf>>. Acesso em: 25. set. 2015.

MARTINS, Darci Aparecida; POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. CUIDANDO DO PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN E SEU SIGNIFICANTE. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde Maringá**, v. 1, n. 1, p. 111-115, 1. sem. 2002. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/5663/3603>>. Acesso em: 25. set. 2015.

MOREIRA, Lília MA, et al. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 2000, vol.22, n.2, pp. 96-99. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n2/a11v22n2.pdf>>. Acesso em: 02. mai. 2015.

NAKADONARI, EK, SOARES, AA. Síndrome de Down: considerações gerais sobre a influência da idade materna avançada. **Arq Mudi.** 2006;10(2):5-9. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br>>. Acesso em: 25. set. 2015.

PINTO, André Luis. **O Ballet na vida de pessoas com Síndrome de Down.** Barretos: São Paulo, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6878/1/2013_AndreLuizPinto.pdf>. Acesso em: 25. set. 2015.

RAMOS, Acaciane Frota, et al. A convivência da família com o portador de Síndrome de Down à luz da Teoria Humanística. **Rev. bras. enferm.** 2006, vol.59, n.3, pp. 262-268. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n3/a03v59n3.pdf>>. Acesso em: 25. set. 2015.

RAMOS, Érica da Silva; NORANHA, Evelyn Lauria. Benefício da dança às pessoas com necessidades educacionais especiais-PNEEL(S) com deficiência mental. Brasília, jul. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/comunicacao/comunicacao_pesq/Erika%20Ramos.pdf>. Acesso em: 25. set. 2015.

REBELO, Patrícia Carla Portugal dos Santos. **A Importância da Dança, enquanto terapia, na Inclusão de Crianças com Paralisia Cerebral.** Lisboa, março de 2014. Disponível em: <<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/6188/1/Patr%C3%ADcia%20Rebelo.pdf>>. Acesso em: 25. set. 2015.

SILVA, Nara Lima Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, 2002, 6(2), p. 167-176. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/3304/2648->>>. Acesso em: 25. set. 2015.

SILVA, Nara Lima Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Crianças com Síndrome de Down e suas Interações Familiar. **icologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 16(3), pp. 503-514. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a09>>. Acesso em: 25. set. 2015.

SOUZA, Virginia. **Muito a se pensar sobre a dança inclusiva.** [S.l.] 30 set. 2010. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=17498>>. Acesso em: 25. set. 2015.

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte.** Curitiba: IESDE, 2005

VARGAS, Soyane. **Danças sobre rodas:** desafios e possibilidades. Buenos Aires, julho de 2008. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/> >. Acesso em: 25. set. 2015.